


## Literatura infantil e juvenil para a valorização da Cultura Negra / *Literatura infantil y juvenil para la valorización de la cultura negra*


*Laila Vilela Vellozo\**

Mestre em diversidade Inclusão pela Universidade Federal Fluminense Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2013) e Pós-Graduação em Psicopedagogia pela AVM-Faculdade Integrada/ Cândido Mendes (2015). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Ensino Fundamental. Atualmente é professora de Núcleo Comum do Colégio Pedro II.

 <http://orcid.org/0000-0001-6870-5822>


*Dagmar Mello e Silva\*\**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1985), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2002), doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009) e Pós-Doutorado em Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora permanente do Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão e Colaboradora do Programa de Pós-graduação de Comunicação, mídias e cotidiano.

 <http://orcid.org/0000-0002-5863-3607>

*Ruth Maria Mariani Braz\*\*\**

Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense. Especialização Lato Sensu em Educação Física Especial na Área de Deficiência Mental. É professora permanente do Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão. Desenvolve pesquisas ligados à Educação Inclusiva, tecnologia assistivas, confecção de materiais adaptados com o intuito de auxiliar os alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares de ensino, filosofia esta que defendo e é adotada atualmente nas instituições na qual trabalho.

 <http://orcid.org/0000-0003-2224-96437>

**Recebido** em: 01 mar. 2021. **Aprovado** em: 24 mar. 2021.

### Como citar este artigo:

VELLOZO, Laila Vilela; E SILVA, Dagmar Mello; MARIANI BRAZ, Ruth Maria. Literatura infantil e juvenil para a valorização da Cultura Negra. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 231-251, mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10135726>

---

\*

 [lailavilela@bol.com.br](mailto:lailavilela@bol.com.br)

\*\*

 [dag.mello.silva@gmail.com](mailto:dag.mello.silva@gmail.com)

\*\*\*

 [ruthmariani@yahoo.com.br](mailto:ruthmariani@yahoo.com.br)

## RESUMO

A literatura é um produto cultural. Devemos estar atentos ao que é oferecido aos estudantes para que escola e literatura caminhem juntas na direção da construção de uma formação humana amparadas em valores de respeito à diversidade, às diferenças e à inclusão. Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento de livros de literatura infanto-juvenil cujas narrativas atendam aos princípios de uma formação leitora e atenta aos Direitos Humanos. Assim, fizemos a seleção de dez obras que tratam de temas relacionados à Diversidade e Inclusão com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de oficinas de leitura voltadas para crianças do 1º segmento do ensino. Este estudo descritivo, qualitativo e de cunho pedagógico é definido como uma pesquisa que envolve o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações pedagógicas) nas escolas básicas do 1º segmento do ensino. A seleção foi realizada a partir dos títulos e dos conteúdos dos quais os livros tratavam: as questões étnico-raciais. Como produto, apresentamos um catálogo online com as indicações de obras literárias que contribuam para a formação do leitor na perspectiva aqui apontada. Verificamos que a literatura, nas escolas, pode agenciar modos de rupturas com práticas discursivas – jogos de verdade – que naturalizam modos de existência, excluindo os que não se enquadram nessas exigências naturalizadas por determinados discursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infanto-juvenil; formação de leitor; inclusão; diversidade.

## RESUMEN

*La literatura es un producto cultural. Debemos estar atentos a lo que se ofrece a los estudiantes para que la escuela y la literatura vayan juntas hacia la construcción de una formación humana sustentada en valores de respeto a la diversidad, las diferencias y la inclusión. Este trabajo tiene como objetivo realizar un relevamiento de libros sobre literatura infantil, cuyas narrativas respondan a los principios de una formación lectora y atenta a los Derechos Humanos. Así, seleccionamos diez trabajos que abordan temas relacionados con la Diversidad y la Inclusión con el fin de apoyar el desarrollo de talleres de lectura dirigidos a niños del 1er segmento de educación. Este estudio descriptivo, cualitativo y pedagógico se define como una investigación que implica planificar e implementar interferencias (cambios, innovaciones pedagógicas). La selección se hizo en base a los títulos y contenidos que trataron los libros: temas étnico-raciales. Como producto, presentamos un catálogo en línea con indicaciones de obras literarias que contribuyen a la formación del lector en la perspectiva aquí esbozada. Encontramos que la literatura, en las escuelas, puede manejar modos de ruptura con prácticas discursivas - juegos reales - que naturalizan modos de existencia, excluyendo aquellos que no encajan en estas demandas naturalizadas por ciertos discursos.*

**PALABRAS-CLAVE:** Literatura infantil y juvenil. Formación de lectores. Inclusión; diversidad.

## 1 Introdução

Assumimos neste trabalho que a literatura deve ser trabalhada em todas as faixas etárias, pois entendemos que ela pode ser um mecanismo de manutenção de poder ou de transformação de uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Percebemos como a literatura também pode ser usada para a dominação de um povo, para apagamento de certas culturas, sendo assim uma ferramenta de exclusão e de desigualdade quando traz em seu bojo ideologias hegemônicas que inculcam padrões culturais normatizadores de modos de existência que perpetuam estereótipos e reforçam preconceitos.

A noção de padrão cultural elaborada por Herskovits (1963 apud, WILLIAM, 2019), talvez nos ajude a entender melhor: “Padrões culturais são os contornos adquiridos pelos elementos de uma cultura, as coincidências dos padrões individuais de conduta, manifestos pelos membros de

uma sociedade, que dão ao modo de vida essa coerência, continuidade e forma diferenciada” (WILLIAM, 2019, p.20).

Este padrão cultural pode ser adquirido pelo o modo de vida de uma população: como reagem, como se manifestam e como reproduzem os seus valores para outras gerações em movimento dinâmico, contínuo e que se modifica, criando reinvenções ou ressignificações. Assim como o padrão cultural será algo trabalhado e adquirido pela convivência e o contato com outras pessoas, com acesso a livros, a internet, e os meios diversos de comunicação, temos a responsabilidade enquanto professores de trazer o acesso a literatura com diferentes temáticas (WILLIAM, 2019, p.20).

Novaes Coelho traz em sua obra *Literatura Infantil – Teoria, análise, didática* (2000), uma análise de dez transformações entre o modo de organização social tradicional e o novo modo de organização social do mundo contemporâneo. Uma delas é justamente a transformação de uma sociedade racista para a construção de uma sociedade que tem o compromisso de ser antirracista. A autora mostra que todas as dez transformações impactam na produção literária. Sobre a transição de uma sociedade racista para o antirracismo, a autora traz como destaque fundamental para compreender esse movimento a “luta para combater os ódios raciais tão fundamente enraizados em nosso mundo. Valorização das diferentes culturas, que correspondem às diferentes etnias, na busca de descobrir e preservar a autenticidade de cada uma” (NOVAES, 2000, p. 27). Novaes prossegue ainda sobre o impacto na literatura infantil afirmando que “mesclam-se, em pé de igualdade, personagens das várias raças, e é abordado frontalmente o problema do racismo, considerado uma das grandes injustiças humanas e sociais” (200, p. 27).

Entendemos que o racismo em nossa sociedade é estrutural e se dissemina de diferentes formas. Uma delas é a linguagem que contribui para a produção de marcas que vão sendo naturalizadas no imaginário social, portanto, há que se ter cuidado com o que se diz e se reproduz pelas mídias, pelos livros didáticos e pela literatura, posto que estes se constituem veículos de produção de subjetividades que podem favorecer visões de mundo e do lugar do outro, na sociedade, que contribuem para as desigualdades. De forma geral, quantos livros com protagonistas negros e negras temos a disposição das nossas crianças nas bibliotecas escolares e domésticas?

No presente artigo advogamos que a literatura, tal como apontada por Coelho (2000), pode ser instrumento ético de resistência a toda e qualquer forma de opressão, contribuindo para

ressignificarmos trajetórias pessoais e coletivas, descolonizadoras de modelos eurocêntricos para o fortalecimento de identidade e autoestima de crianças e jovens negros.

Na divulgação de parte da nossa pesquisa, gostaríamos de compartilhar, através deste artigo, um levantamento de livros de literatura infanto-juvenil cujas narrativas atendam a princípios de uma formação de leitor atenta aos Direitos Humanos. São reflexões no que tange a questão racial na literatura infantil, com as sugestões de livros literários que abordam a temática.

## 2 Metodologia

Ao fazer a revisão bibliográfica relativa ao tema, realizamos diversas pesquisas nas bases acadêmicas (Google Acadêmico, Eric; SciELO, Periódicos da CAPES e no Banco Internacional de Objetos Educacionais), visando encontrar artigos publicados nos últimos 5 anos que tratassem das nossas temáticas.

Esta fase de buscas nas bases de dados ocorreu ao longo do ano de 2018. A partir dos resultados quantitativos apresentados, escolhemos artigos, dissertações e monografias, tomando por base os títulos, que pudessem contribuir para o presente trabalho. Conforme as leituras avançavam, tivemos contatos com textos mais antigos do que o período inicialmente estabelecido, que foram os últimos 5 anos, e fomos surpreendidos com a atualidade das produções. Assim, utilizamos também, essas produções como suporte teórico. Para analisar o tema *questão étnico racial* selecionamos 4 fundamentações teóricas. São elas: A obra do MEC - *Superando o racismo na escola* (2005), organizada por Kabengele Munanga. Dentro deste documento escolhemos os artigos de Heloisa Pires Lima: *Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil*, e o artigo da autora Maria Cristina Soares de Gouvêa: *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica* pois, ambos conjugam a questão racial com a literatura. Selecionamos também o artigo “*As relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil*”, publicado em 2018 em *Educar em Revista*, por Débora Cristina de Araújo, no qual foram analisadas uma série de publicações que tratavam do tema, nos trazendo um importante panorama sobre a evolução da questão racial nos livros literários.

Trazemos também as contribuições do artigo *O negro na literatura infanto-juvenil brasileira*, das autoras Luciana Cunha Lauria da Silva e Katia Gomes da Silva (2011), que está fora do período pesquisado, mas que traz uma discussão atual do tema. Por fim, utilizamos também o artigo *Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária*, publicado em 2018 pela

Revista Cátedra da Pontifícia Universidade Católica PUC – Rio, de autoria de Wagner Campos Ramos e Marly Amarilha, pois traz uma análise da condução de um processo de leitura de livros literários com a temática negra para um grupo de crianças e nos mostra as falas e colocações trazidas por elas acerca do tema.

### 3 Resultados e discussões

Nossa preocupação surge da reflexão sobre a representação da imagem e da cultura negra nos livros oferecidos às crianças, por isso, saímos em busca de obras destinadas ao público infantojuvenil que rompam com estereótipos e preconceitos raciais e que não se apresentem como discurso de integração do negro à cultura dominante. Nossa intenção aqui é trazer obras que prezem a valorização das histórias, dos modos de vida, costumes, culturas, contribuições do povo negro na construção do Brasil e suas formas de ser e estar no mundo.

Embora publicada há 15 anos, a obra do MEC *Superando o racismo na escola* (2005), organizada por Kabengele Munanga, traz diversos artigos que nos convidam a reflexão sobre as faces do racismo na escola brasileira. Infelizmente a referida obra nos mostra que ainda temos muito o que avançar nesse cenário. Na publicação, encontramos o artigo de Heloisa Pires Lima *Personagens negros: um breve perfil na literatura infantojuvenil*, no qual a autora afirma que:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo (LIMA, 2005, p.101).

Aqui, reside nossa atenção: é preciso estarmos atentos a que percepções de mundo e culturas as crianças têm acesso ao lerem livros literários, livros que não têm uma função pedagógica em si, uma moral a ser perseguida ou um ensinamento a ser alcançado. Nas palavras de Ninfa Parreiras:

Nem todo livro traz literatura. Muitos livros trazem histórias para crianças que nem sempre são literárias. Para ser literatura, a obra deve ter o encantamento trazido pelas palavras e pelas ilustrações: o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, de linguagem poética, de coisas subentendidas, de ludicidade, de duplo sentido, de repetições. Ou o texto deve ser sonoro, com musicalidade, com ritmo (PARREIRAS, 2012, p.18).

Em seu texto, Lima (2005) nos convida a um exercício: buscarmos, na memória e nas estantes, os livros que trazem personagens negros. Lima relata a dificuldade do público de encontrá-los, especialmente com os negros no papel de protagonistas das histórias. A própria autora fez sua busca e quando encontrava as obras passou a analisar os enredos nos quais os personagens negros se inseriram: vinculados ao retrato da escravidão. Nesse ponto a questão que se coloca é que

O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para o não negra uma superioridade (LIMA, 2005, p.101).

Para problematizar uma questão como essa, propomos como atividade a construção de narrativas que apresentem personagens em que as imagens dessas personagens sejam equilibradas entre brancos e negros e solicitar que as crianças escolham quais personagens vão compor a sua história e que papéis vão desempenhar. A partir daí, problematizar: quantas personagens negras foram escolhidas por elas? Que papéis irão desempenhar em cada uma dessas histórias? Se na escola houver uma biblioteca, dar a elas alguns minutos e pedir que selecionem livros nos quais a personagem da capa seja uma personagem negra. A partir daí, temos material suficiente para discutir as questões que Lima (2005) nos convoca a pensar.

A investigação da presença dos negros na literatura nas primeiras três décadas do século XX foi analisada pela autora Maria Cristina Soares de Gouvêa, no artigo intitulado *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Nele, a autora afirma que a partir da década de 1920.

A literatura infantil do período dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas (GOUVÊA, 2005, p.83).

Gouvêa sinaliza que antes desse período há a marca da ausência dos negros nas obras literárias ou com referências simples e fazendo alusão à escravidão. De acordo com a autora, isso muda “à medida que nas práticas culturais mais amplas desloca-se a discussão em torno da brasilidade, não mais de negação, mas de afirmação de sua composição racial, a representação do negro na literatura infantil altera-se” (GOUVÊA, p.84). Gouvêa ainda aponta que nesse período

da literatura o negro assume uma presença mítica e em posições de servir ao outro, marcada da recente escravidão em nosso país.

Por um lado, o negro vinha reafirmar a identidade nacional, associado ao folclore brasileiro e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores não encontravam lugar no seio de uma sociedade que se pretendia moderna, fazendo-o ocupar um espaço social à parte. Enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros eram relacionados a significantes opostos, como tradição e ignorância, universo rural e passado (GOUVÊA, 2005, p.84).

Outro alerta que nos parece fazer sentido aqui é o lugar de fala do professor. Há que se dar atenção a forma como mediamos leituras e discussões com o respeito que este tema exige. Muitas vezes a fala do/a professor/a está permeada de expressões e palavras de origem racista (como exemplo: *denegrir, a coisa tá preta, mercado negro*, etc.) que foram naturalizadas em nossas práticas de linguagem, mas que expressam o quanto a questão do racismo é estrutural em nossa sociedade. Concordamos com Candau (2011), quando afirma que

A escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar (CANDAU, 2011, p. 253).

Nesse contexto, cabe aqui o apontamento da obra de Monteiro Lobato, autor reconhecido como indispensável por diversos estudiosos da literatura infantil, tais como Sandroni (2008), Ceccantini & Lajolo (2008), infantil Gregorin Filho (2009), Acioli (2012). Gregorin Filho (2009), defende que há dois momentos na literatura infantil: anterior a Lobato, com viés moralizante, de submissão, patriotismo etc, e pós Lobato com uma literatura de fato voltada para o universo infantil, mais livre e contrária aos preconceitos e com investimento lúdico, nesse sentido, a literatura infantil passa “de instrumento pedagógico de concepção moralizante do passado, ela passa a espelhar a sociedade com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos” (GREGORIN FILHO 2009, p.36).

Não se trata aqui de desqualificar a obra de Monteiro Lobato, concordamos com Laura Sandroni (2008) quando esta afirma que:

(...) com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de “fase literária de produção brasileira destinada a crianças e jovens” (...) sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, já que é toda permeada do âmbito de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos que problematiza de modo que seja compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro, antecipatória do modernismo (SANDRONI, 2008, p. 219-220).

Entre os destaques feitos por Sandroni sobre as obras de Monteiro Lobato, a presença da temática do folclore é uma das que salta aos olhos, “ele foi o primeiro a fazer do folclore tema sempre presente em suas histórias (...)” (2008, p.220); além disso, a autora chama atenção para a presença do contexto histórico e social em suas obras, como por exemplo a defesa da democracia, presente na forma como se organiza a convivência dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Além disso, muitas gerações de intelectuais tomaram contato com personagens da literatura tais como Dom Quixote ou o Barão de Münchhausen, dentre outros, ou com personagens da mitologia Grega, bem como alguns princípios de *Gramática ou Aritmética*, através da obra de Lobato.

Entretanto, não podemos ter um olhar acrítico com relação as questões racistas presentes em sua obra. Mesmo que reconheçamos o contexto em que viveu o autor, sua visão racista se reflete em sua obra, na qual encontramos colocações que revelam o preconceito racial de sua época, mas que perdura em nossos dias atuais:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não faz senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda (LOBATO, 1937, p. 30 apud GOUVÊA, 2005, p. 85).

Ainda a partir de Gouvêa, observamos obras que trazem uma ligação entre o negro e a feitiçaria, como se nota em *O país das formigas*, de *Menotti Del Picchia*. Outra característica apontada por Gouvêa é a recorrência com que a questão da raça é a maneira para se referir aos personagens nas obras “invariavelmente, o nome dos personagens negros era substituído por vocábulos como: o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha” (GOUVÊA, 2005, p.88), bem como o destaque para a descrição de seus atributos



físicos. Gouvêa destaca ainda intenção de embranquecimento dos negros nas narrativas, como podemos observar em *Reinações de Narizinho*:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público... — Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (LOBATO, 1931, p. 206 apud GOUVÊA, 2005, p. 89).

Nossa opção pedagógica para essa questão é a de não esconder ou censurar os livros e o autor. Acreditamos que o caminho é a problematização, a discussão crítica das questões delicadas que aparecem nas obras de Lobato e de outros autores, não só em questões de preconceito racial, mas por qualquer outra forma de exclusão. Se pensarmos em obras como *A megera domada* de William Shakespeare, por exemplo, possivelmente teremos questões com a forma como as mulheres são retratadas nessa obra.

Em nossas práticas diárias, muitas vezes podemos perceber que naturalizamos a associação de determinados comportamentos a questões de gênero ou raça. O samba é um exemplo corriqueiro de associação ao negro.

É fato histórico que o samba nasce da resistência social dos negros frente a supremacia opressora das classes mais abastadas constituídas, em sua maioria, por brancos, mas não existe comprovações científicas que justifiquem o gosto ou uma habilidade inata para um determinado gênero musical. Esse tipo de associação, do senso comum, está relacionado a uma construção social que tem origem histórica.

O samba nasce da mistura de elementos musicais herdados de povos africanos, porém esse caráter inatista foi uma forma de associar um ritmo popular a um determinado extrato da sociedade predominantemente negro, hierarquizando manifestações culturais distintas, ou seja, de um lado teríamos uma cultura clássica oriunda do continente europeu, que ao ser valorizada desqualifica a cultura popular. O combate a esse tipo de pensamento é fundamental nos dias atuais, pois num passado não tão distante, a história nos mostra que essas crenças foram justificativas para momentos de grande barbárie. Reconhecer que a raiz desses problemas se encontra na crença de superioridade de uma raça sobre a outra é fundamental para a formação para o respeito e a diversidade.

Para completar nossa análise, trazemos as contribuições da pesquisadora Débora Cristina de Araújo com seu artigo "As relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil", publicado em 2018 em *Educar em Revista*, no qual foram analisados 13 estudos de mestrado e doutorado, a partir do projeto *Educação das Relações Étnico-Raciais: o estado da arte*. Os estudos foram desenvolvidos 2003 a 2014. Em suas análises a pesquisadora afirma que

(...) os estudos indicaram um consenso sobre mudanças, ainda que diminutas, na representação de personagens negras a partir de publicações literárias mais recentes, embora negras e negros ainda sejam minoria como personagens no universo literário infantil e juvenil de modo geral (ARAÚJO, p. 61, 2018).

As afirmações da autora reforçam o sentido de trabalhos como este aqui apresentado, pois trata-se de uma produção recente que, embora aponte avanços, mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido em relação ao protagonismo negro na literatura infantil e juvenil. Em seu artigo, a autora faz críticas a forma como as personagens negras eram apresentadas nas obras literárias. Araújo (2008) faz um apontamento que consideramos fundamental em relação ao período de publicação das obras: "quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito (ARAÚJO, 2018, p. 73)". Essa colocação nos serve de alerta ao analisarmos as obras aqui escolhidas.

Aprofundando nossa análise a respeito deste tema, trazemos as contribuições do *artigo O negro na literatura infanto-juvenil brasileira*, das autoras Luciana Cunha Lauria da Silva e Katia Gomes da Silva (2011). O artigo, embora com 7 anos de publicação, contribui significativamente para nossas reflexões. Para as autoras:

A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infanto-juvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do educando, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente na década de 80, ocorre uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros. Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e o seu aspecto físico (SILVA; SILVA, 2011, p. 7).

Esse é o tipo de abordagem que buscamos apresentar neste trabalho. As autoras destacam a obra *Luanda*, de Aroldo Campos e Osvaldo Faustino por trazer a primeira heroína e protagonista negra para a literatura infantil. Além de *Luanda*, as autoras trazem também a obra de

Heloisa Pires Lima, *Histórias da Preta*. “As duas obras procuram retratar o outro lado das histórias dos africanos e afro-brasileiros, durante anos legada ao esquecimento pela literatura infanto-juvenil” (SILVA; SILVA, 2011 p. 7).

Ao longo do trabalho, citam também a obra *Meu tataravô era africano*, de Georgina Martins e Teresa Silva Telles e *Minha família é colorida*, também de Georgina Matos. As autoras apontam a importância da legislação para essa transformação: a Lei 10639/03, que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país e a necessidade de reflexão sobre a presença do racismo na sociedade atual e seu combate em favor do desenvolvimento da democracia e da igualdade.

Ainda nos dá suporte o artigo *Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária*, de Wagner Campos e Marly Amarilha, publicado na Revista Cátedra Digital em 2018. Os autores trazem seu entendimento do que chamam de Literatura Infantil Negra: “entendemos que Literatura Infantil Negra é o conjunto de obras literárias produzidas para a infância que representa como tema central aspectos das histórias e das culturas dos povos negros, seja na diáspora ou no continente africano.” (CAMPOS; AMARILHA, 2018, p.1).

Estamos de acordo com essa compreensão e acrescentamos a nossas escolhas livros que, em nosso ponto de vista, contribuem para o rompimento de visões de mundo preconceituosas e/ou racistas, como é o caso do livro *A Cor de Coraline*, selecionado por nós para essa discussão pois propõe uma reflexão sobre o que seria a *cor de pele* quando um colega lhe pede o lápis *cor de pele* emprestado. Embora não traga elementos da cultura dos povos negros, a obra considerada por nós uma importante reflexão sobre o tema.

Assim como os autores Campos e Amarilha (2018), assumimos os conceitos de preconceito e racismo trazidos pela publicação *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais* (BRASIL, 2006). Na obra há um glossário que nos traz definições importantes sobre a temática das relações étnico-raciais. Para preconceito define: “é primeiramente, uma opinião que se emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo” (BRASIL, 2006, p. 221). Já para o termo racismo

Remete a um conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelece uma hierarquia entre as raças, consideradas como fenômenos biológicos (MUNANGA, 2004). Doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de dominar outras; preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente,

geralmente considerada inferior; atitude de hostilidade em relação à determinada categoria de pessoas (BRASIL, 2006, p. 222).

Em sua pesquisa, Campos e Amarilha trazem as falas das crianças ao tomarem contato com livros de literatura negra. Infelizmente, algumas das colocações nos mostram como ainda temos um longo caminho a ser percorrido na formação humana livre do preconceito e do racismo e nos motiva a enveredar por esse caminho. Diante do exposto, seguem nossas escolhas com a finalidade de contribuir com esse desafio.

A experiência profissional nos mostra crianças que passaram a se reconhecer como parte de uma cultura quando a escola trabalha esse tema de forma positiva, embasado nas histórias da cultura negra e seus heróis, em dois livros por nós escolhidos, *Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre* e *A história de Chico Rei* temos a chance de encontrar e conhecer a luta de heróis negros que tiveram grande importância para seu povo. O menino/ menina que cresce conhecendo seus heróis pode encontrar maior inspiração e força para enfrentar suas batalhas pessoais e sociais pois, saber quem seus ascendentes fizeram isso antes deles, eles têm, portanto, em que se inspirar. Diante do exposto, seguem nossas escolhas sobre o tema.

### 3.1 A Cor de Coraline. Alexandre Rampazo.

Indicado ao prêmio Jabuti 2018/ PNLD Literário 2018. Editora: Rocco Pequenos Leitores; Ilustração: do autor

Coraline ouviu de Pedrinho a pergunta que achou difícil: me empresta o lápis cor de pele? Aí começou a grande aventura da menina que ficou indagando qual seria a cor da pele. Ela olhou todas as cores de sua caixa de lápis de cor. Pequena, tinha apenas doze cores. Coraline repassou todas as cores e descobriu maravilhada que cada cor de pele é bonita, cada cor tem uma razão, cada cor significa uma pessoa, um jeito de ser. De cor em cor, ela percebeu que não importa o tom de pele, todos são iguais. E então também soube que linda é a cor de sua pele. Assim, Alexandre Rampazo mostrou a diversidade e a unidade deste mundo. As cores não servem para diferenciar, mas para tornar tudo mais belo. Imagine a monotonia de um mundo cheio de gente de uma cor só? A beleza é a multiplicidade. Daria para Rampazo fazer meninos e meninas com todas as cores do mundo? Fonte: BRANDÃO, Ignácio. 2017, quarta capa do livro.

### 3.2 A História de Chico Rei - Béatrice Tanaka.

Editora: SM; Ilustrações: da autora

Nesta narrativa da tradição afro-brasileira, transmitida de boca em boca desde o século XVIII, um rei africano e seus conterrâneos, escravizados numa mina de outro em Vila Rica unem-se para conquistar a alforria por meio do trabalho, da astúcia e da solidariedade. Recontadas aqui em palavras e imagens as peripécias desse herói negro são ainda acompanhadas por um texto sobre a história e o funcionamento das escolas de samba no Rio de Janeiro e um caderno de lembranças da autora, com desenhos dos anos 1950. Ali ela explica como conheceu Chico Rei, vindo depois a contar sua história num espetáculo teatral para crianças em livros e em CD. Fonte: quarta capa do livro

### 3.3 As Panquecas de Mama Panya. Richard e Mary Chamberlin.

PNLD 2013-2015 /Obras Complementares; Editora: SM; Ilustrações: Julia Cairns;

Tradução: Cláudia Ribeiro Mesquita.

Você sabia que no Quênia também se comem panquecas, ou *vikamati*, que é o nome delas na língua local? Pois é o que *Mama Panya* resolve fazer de jantar, para a alegria de seu filho, Adika! Juntos eles vão ao mercado comprar os ingredientes que faltavam para a receita. No caminho, um pouco da vida cotidiana, dos animais e da cultura de um vilarejo da costa leste da África. Fonte: quarta capa do livro.

### 3.4 Histórias da Preta. Heloisa Pires Lima.

Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ

1998. Editora: Companhia da Letrinhas; Ilustrações: Laurabeatriz

De que cor é a Preta?

Ela é marrom. É da cor dos olhos do pai dela.

De onde ela é?

Ela é daqui mesmo, do Brasil. Mas, de certo modo, veio do outro lado do oceano - da África, a primeira casa das pessoas negras.

As *Histórias da Preta* falam de um povo que veio para o Brasil à força. Homens, mulheres e crianças que foram arrancados de suas terras e tiveram que trabalhar como escravos. Perderam toda a liberdade. No entanto, sobreviveram à escravidão e souberam fazer uma segunda casa: hoje, quase metade da população do Brasil tem origens africanas.

Como é ser negro aqui neste país? Faz diferença ou tanto faz? Uma recordação da infância, um conto sobre o deus que dormiu debaixo da árvore, uma experiência de racismo, de história em história a Preta vai contando com quantas cores se faz uma pessoa negra.

Fonte: quarta capa do livro

### 3.5 Histórias Africanas – Ana Maria Machado.

PNLD Literário 2018; Editora: FTD Educação; Ilustrações: Laurent Cardon.

Grande parte das raízes brasileiras está plantada na África. Mas, de modo geral, muito pouco sabemos sobre as culturas desse continente que nos nutre. Contar histórias sempre foi uma atividade muito prestigiada em diferentes lugares da África. Algumas foram aqui reunidas. Falam de animais e da natureza, ironizam os poderosos, retratam tradições milenares, denunciam males como a exploração do trabalho alheio e a escravidão. E apresentam um humor sutil e muito peculiar, lembrando suas origens orais, quase como uma piscadela entre contador e ouvinte. Venha descobrir. Fonte: Machado, Ana Maria. 2018, quarta capa do livro

### 3.6 Obax. André Neves.

Prêmio Jabuti 2011; Editora: Brinque Book; Ilustrações: do autor

“QUANDO o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura. O dia aquece, e é hora de descobrir muitas aventuras”. Fonte: quarta capa do livro – destaque do autor

### 3.7 Gente de Cor, Cor de Gente. Mauricio Negro.

Indicado ao prêmio Jabuti 2018 / PNLD Literário 2018; Editora: FTD Educação; Ilustração: do autor.

O livro pode ajudar o leitor a pensar nas características do mundo natural e social. A cada virada de página, é possível ver dois personagens: um tem a pele negra, o outro tem a pele de outra cor. Lado a lado, os rostos dos personagens expressam emoções, sentimentos e sensações, como fome, frio, medo, calor, raiva e alegria. As imagens representam comportamentos que ajudam a refletir sobre como toda pessoa, independentemente de cor, sexo, etnia, credo, posição política, partilha questões fundamentais relacionadas ao que é essencialmente humano. Por estimular o respeito ao outro e ao reconhecimento da diferença, ao tratar questões como preconceito racial, tolerância e diversidade, esta obra também pode ajudar o leitor a pensar na descoberta de si mesmo. Fonte: quarta capa do livro.

### 3.8 Menina Bonita do Laço de Fita. Ana Maria Machado.

Editora: Ática; Ilustração: Claudius

Uma linda menina negra desperta a admiração de um coelho branco, que deseja ter uma filha tão pretinha quanto ela. Cada vez que ele lhe pergunta

qual o segredo de sua cor, ela inventa uma história. O coelho segue todos os ‘conselhos’ da menina, mas continua branco.

Fonte: <http://www.atिकासcipcione.com.br/produto/menina-bonita-do-laco-de-fita-333> acesso em 7/07/2020.

### 3.9 Ombela – A Origem das Chuvas. Ondjaki.

PNLD Literário 2018; Editora: Pallas Míni; Ilustração: Rachel Caiano

Nesta história, Ondjaki aborda o mito que fala da “origem das chuvas”. Fala-se da deusa **OMBELA**, (“chuva”, em umbundu) De como o seu pai lhe ensinou a chorar. De como suas lágrimas eram salgadas ou doces. Esta é a estória de **OMBELA**, a que aprende a fazer chover usando as suas lágrimas. Pelo menos é assim que contam os mais velhos. Fonte: quarta capa do livro, grifos do autor.

### 3.10 Zumbi, O Menino que Nasceu e Morreu Livre. Janaina Amado

PNLD Literário 2018; Editora: Ática Scipione; Ilustração: Gilberto Tomé

Ele havia nascido livre. Corria solto pela mata, subia em árvores, lutava capoeira e empinava pipas coloridas. Um dia, porém, foi capturado. Levado para longe de tudo e de todos, para um lugar totalmente desconhecido. No entanto, esse menino nunca se esqueceu de sua gente. Logo que teve uma chance, ele fugiu. Por meio da história de Zumbi dos Palmares, acompanhamos a história de um povo contra a escravidão e sua luta incansável pela liberdade. Um dia, o menino que nasceu livre, foi capturado e que, mesmo assim, voltou para seu povo lutando até o fim, se tornaria o líder pelo respeito ao ser humano e pela preservação dos valores pessoais. Fonte: quarta capa do livro

## 4 Tecendo os fios dessas histórias

Durante o processo de análise dos livros, nossa principal fonte foram as indicações propostas pelo Programa Nacional do Livro Didático Literário 2018 (PNLD Literário), buscamos também obras indicadas para o prêmio Jabuti, além de deixar abertas as sugestões que chegassem até nós durante o processo de pesquisa. Não excluímos nenhuma temática *a priori* pois concordamos com Oliveira (2010) quando nos alerta que a escola faz escolhas literárias que afastam as crianças de questões polêmicas, limitando-as a leitura que entretém. Nossas escolhas se propõem justamente ao contrário, pois buscam a reflexão de temas difíceis, mas que fazem parte da realidade de cada criança pois:

Como a leitura entre as crianças estimula sempre o diálogo, as trocas de experiências de vida, os gostos e desgostos, a literatura ultrapassa os limites escolares, pois com seus temas é capaz de contribuir para ajudá-las a vivenciar e entender sua interioridade e sua inserção na cultura literária (OLIVEIRA, 2010, p. 42)

Em tempo de intolerância, divisão e dificuldade de diálogo com o diferente nos parece fundamental usar a potencialidade da literatura para propor o diálogo, o debate e o compartilhamento de ideia e experiências. Quanto maior for a diversidade de temas dos livros literários disponíveis para crianças, maiores serão as oportunidades de trabalhar com essa pluralidade que encontramos na nossa sociedade e colocar as diferenças em perspectiva de diversidade e respeito. Oliveira nos faz uma recomendação importante em relação aos momentos de leitura:

O momento literário deve proporcionar às crianças um contato generoso com o livro. Sempre que for contar, ler ou assistir (são inúmeros os filmes produzidos a partir de textos literários), permitir que as crianças saiam das carteiras escolares e fiquem à vontade para usufruir da história. Um ambiente confortável contribui para a criança se entregar ao enredo da história (OLIVEIRA, 2010, p. 47).

Assim, fica um alerta, a partir da proposição exposta nesta citação de Oliveira, para que não tomemos o momento da leitura literária como uma obrigação formal. Consideramos que as atividades propostas que porventura possam ser desenvolvidas a partir da leitura do livro literário não devem assumir uma conotação de obrigatoriedade. Nossa intenção é formativa, fundamentada em preceitos teóricos, mas sem o objetivo de transformá-la em mais uma obrigação de dever a ser cumprido, não há certo ou errado nessa relação que estamos propondo, mas sim transformação e construção entre todos os sujeitos envolvidos nas atividades. Quanto a isso, Ninfa Parreiras, firma que;

No contato com a ficção, podemos nos aproximar dos nossos próprios sentimentos. Isso porque a invenção de uma história pode nos transportar para um mundo que não é o nosso, mas que tem semelhanças como que vivemos. E, sem perceber, somos levados a sentir o que as personagens estão sentindo (PARREIRAS, 2012, p. 36)

Neste ponto, ao pensarmos possibilidades de oficinas através dos livros literários, uma das estratégias que acreditamos contribuir para a formação do leitor são as chamadas rodas de conversas. Ao buscar fundamentação teórica sobre essa prática, encontramos Queiroz e



Figueiredo (2012), que utilizaram essa metodologia em seus trabalhos de pesquisa e publicaram um artigo a respeito desse tema intitulado *A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo*, essas autoras trazem as definições do conceito de rodas de conversa dos autores Mélo *et al.* (2007) e Afonso e Abade (2008):

De acordo com Mélo *et al.* (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro (QUEIROZ; FIGUEIREDO, 2012, p. 1-2.)

Para Afonso e Abade, as autoras sintetizam que

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da educação e seu fundamento metodológico se alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto em que as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves (QUEIROZ ; FIGUEIREDO, 2012, p. 2.)

A partir dessas colocações, consideramos importante que as rodas de conversa sejam um ambiente acolhedor para que as crianças se sintam seguras e confortáveis para expor seus pensamentos, debater ideias e elaborar suas visões de mundo sem que se aplique juízos de valor ou julgamento.

Atualmente, temos muitas informações que nos auxiliam a ter um ponto de vista sobre um determinado acontecimento, que poderá gerar conhecimento ou não. O conhecimento resulta da aplicação e do uso produtivo de uma determinada informação, envolve emoções; valores e dependerá do contexto histórico, social e cultural onde os indivíduos estão inseridos (MARTINS,2010, 50).

As ideias que trazemos aqui estão alicerçadas na experimentação e no sentimento de pertença a um único objetivo comum: a inclusão de todos e com todos. Com isso, o propósito principal foi mostrar que a diversidade e a pluralidade de livros que aqui sugerimos, ajudam a quebrar paradigmas, construir novos conceitos e podem auxiliam a transformar uma realidade excludente.

Assim, dialogamos com a pesquisadora Eliana Yunes (2016) quando esta afirma que “a interpretação não está no texto, como um enigma, mas na interação que estabeleço com ele, seu contexto original ou atual, minhas circunstâncias de ontem e de hoje. (2016, p. 620). Yunes destaca o papel da educação na formação humana, afirma que “(...) a educação tem seu papel relevante, menos por nos ajustar ao mal-estar na cultura, mais por alargar os horizontes potenciais desta mesa cultura, desde que feita com ética, ou seja, em consideração à existência do outro.” (2016, p. 621).

## 5 Conclusão

Caminhando para a conclusão deste artigo, gostaríamos de compartilhar alguns dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e divulgados em 2020.

Os dados divulgados mostram que o analfabetismo no Brasil tem cor: a taxa de analfabetismo entre pretos ou pardos em nosso país é quase três vezes maior do que o percentual registrado entre brancos. Dessa forma, foi constatado que 3,6% das pessoas de 15 anos ou mais de cor branca eram analfabetas (não conseguem ler o escrever um bilhete simples), já entre pretos ou pardos esse número chegou a 8,9%. Quando se trata das pessoas com 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo entre brancos foi de 9,5% e entre pretos ou pardos o percentual registrado foi de 27,1%. De acordo com a pesquisa, o total de analfabetos em nosso país foi de 11 milhões de brasileiros. Precisamos reconhecer que o racismo estrutural existe em nosso país, precisamos falar sobre ele e agir para a transformação de estruturas tão excludentes no país. Oferecer às crianças negras livros literários que as motivem a ler por se sentirem representadas, fazer esses livros circularem nas residências das famílias negras e promover ações de incentivo à leitura para toda a comunidade escolar podem ser alguns dos passos a serem dados nesse longo caminhar.

Concluimos neste artigo que a educação antirracista precisa ser um compromisso para que nós, educadores, possamos dar a nossa parcela de contribuição para rompermos o ciclo de exclusão que condena a tantos pela cor de sua pele. Nessa luta, escolhemos a literatura como uma de nossas ações.

Chegamos ao final deste trabalho com a convicção de que a literatura pode contribuir com a formação para o respeito à diversidade. Encontramos livros que não se resumem a manuais ou receituários de boas maneiras com viés moralizante. A subjetividade das narrativas e a delicadeza

com que tratam os temas nos surpreenderam. De fato, eram obras com essas características que buscávamos para compor o nosso pequeno acervo. Seguimos acreditando que para construir uma sociedade antirracista temos que encontrar na literatura o protagonismo negro nas obras que oferecemos às nossas crianças.

<b>CRedit</b>
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável
Contribuições dos autores: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: VELLOZO, Laila Vilela.  Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: SILVA, Dagmar Mello e.; BRAZ, Ruth Maria Mariani.

## Referências

- ACIOLI, S. *Aulas de literatura com Monteiro Lobato*. São Paulo: Biruta, 2012.
- AGUIAR, V. T. de. *Leitura literária para crianças brasileiras: Das fontes às margens*. In: SOUZA, Renata Junqueira de; TAGLIARI, Berta Lúcia (Orgs.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- AMADO, J. *Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre*. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática Scipione, 2018.
- ARAÚJO, D. C. de *As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil*. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018. Disponível em: [<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-61.pdf>]. Acesso em 08/11/2020.
- AZEVEDO, R. *Formação de leitores e razões para a Literatura* In SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo, DCL, 2004.
- Artigo disponível em: [<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>] Acesso em 26/04/2020
- AZEVEDO, R. *Conto popular, literatura e formação de leitores*. *Revista Releitura*. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, nº 21, 2007. Disponível em [<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf>] Acesso em 26/04/2020.
- BRITTO, L. P. *Literatura, Conhecimento e Liberdade*. In *Nos caminhos da literatura*/[realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo:Peirópolis,2008.
- CAMPOS, W. R. AMARILHA, M. *Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária*. *Revista Cátedra*: PUC Rio. 2018. Disponível em [<http://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-infantil-negra-uma-discussao-necessaria/>]. Acesso em 10/11/2020

- CANDAU, Vera Maria. *Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.
- CECCANTINI, J. L. ; LAJOLO, M. (Orgs). *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp/ Imprensa Oficial, 2008.
- CHAMBERLIN, M. CHAMBERLIN, R. *As panquecas de Mama Panya*. 1ª ed. São Paulo: SM Editora, 2005.
- COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, M. M. da. *Metodologia do Ensino da Literatura Infantil*. Curitiba. Ibepex.2007
- FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).
- FREIBERGER, R. M. BERBEL, N. A. *A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental*. Cadernos de Educação, 2010, 37.
- FUGANTI, L. (2005). *A Ética como potência e a moral como servidão*. Disponível em [<http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao?format=pdf>]. Acesso em 30 de abril de 2020.
- GONÇALVES, H. de Abreu; *Manual de metodologia da pesquisa científica*. Editora: Avercamp; Edição: 1ª (2005)
- GOUVÊA, M. C. S. de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan. /abr. 2005. Disponível em [<https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>] Acesso em 20/08/2020.
- GREGORIN FILHO, N. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- LIMA, H. P. *Histórias da Preta*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- MACHADO, A. M. *Histórias africanas*. 1ª ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.
- MACHADO, A. M. *Menina bonita do laço de fita*. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática Scipione, 2011.
- MARTINS, Gilson Azevedo-Gercimar. *Uma Sociologia*. Clube de Autores (managed), 2020.
- NEFRO, M. *Gente de cor, cor de gente*. 1ª ed. São Paulo: Quinteto, 2018.
- NEVES, A. *Obax*. 1ªed. São Paulo: Brinque Book, 2010.
- ONDJAKI. *Ombela – A origem das chuvas*. 1ªed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.
- PARREIRAS, N. *Do ventre ao colo, do som à literatura. Livros para bebês e crianças*. 1ª ed. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2012
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD*. Educação 2019. Disponível em [[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf)]. Acesso em 15/07/2020
- RAMPAZO, A. *A cor de Coraline*. 1ºed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

SACRISTÁN, J. G. *A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas*. In: ALCUDIA, R. et al. *Atenção à diversidade*. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 13-38

SANDRONI, L. *A década de 70 e a renovação da literatura infantil e juvenil*. In *Nos caminhos da literatura*/[realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo:Peirópolis,2008.

SÁ, A. L. de. “*Reconto*”. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro Bregunci (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização*, /Faculdade de Educação, 2014. Disponível: [<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reconto>]. Acesso em: 09 março. 2020.

SILVA, L. C. da; SILVA K. *O negro na literatura infanto-juvenil brasileira*. Revista Thema. Volume 8, Número Especial. 2011. Disponível em:

[<http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/106/54>], Acesso em 20/08/2020.

SILVEIRA, R. M. H.; KIRCHOF, E. R. *Literatura infantil e educação: ensinando através de personagens diferentes*. Em *Aberto*, Brasília, v. 29, n. 95, p. 41-52, jan./abr. 2016.

TANAKA, B. *A história de Chico Rei*. 2ªed São Paulo: SM Editora, 2010.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 15ª ed. São Paulo: Global, 2003.